

A libertação da mulher e do sexo

João de Carvalho

Antes de tudo, devo deixar claro que as fundações teóricas deste artigo estão na psicologia evolucionista, ecologia comportamental, antropologia biossocial, primatologia e ciências afins. De acordo com esta linha de pensamento, que apenas pôde florescer nestas últimas 2 ou 3 décadas, os humanos evoluíram ao longo de uns 300 mil anos como criaturas caçadoras e coletoras nômades tribais. O processo civilizatório só foi possível quando domesticamos certas plantas e animais, isto é, passamos a produzir nosso próprio alimento, e não mais obtê-lo da natureza. Como consequência a densidade populacional cresceu a níveis muito superiores aos quais nossa espécie foi “projetada” para funcionar, dando origem a uma rápida evolução cultural que culminou em nossos dias em uma civilização global materialmente super-desenvolvida. É esta evolução cultural, posterior à domesticação dos seres vivos, que chamamos de *história*.

Este processo se iniciou há 10 mil anos, portanto, é uma quantidade de tempo irrisória se comparada à existência de nossa espécie. Como consequência, a lenta evolução genética não conseguiu acompanhar a rápida evolução cultural decorrente deste processo, e nossos genes ainda são aqueles de caçadores e coletores nômades tribais. É sobre esse grande pano de fundo de 300 mil anos pré-históricos que devemos olhar a evolução histórico-cultural dos últimos 10 mil anos. Sem ele não temos um referencial no qual situar a história e somos arrastados por suas correntezas, ficando perdidos em meio a tudo que está ocorrendo. Qualquer tentativa de pensar o ser humano deve partir de uma criatura tribal nômade pré-histórica, e daí inseri-la nos diferentes ambientes nos quais ela criou através da evolução cultural, como a civilização global super-desenvolvida de nossos tempos.

Esta linha de pensamento vai contra todo um paradigma desenvolvido ao longo do século 20, que dizia que o ser humano nada mais é que um produto da cultura em que vive. Aqui não é o espaço para apresentar as pesquisas científicas que contestam este paradigma; isso eu faço em outros textos.¹ Basta dizer que assim como está comprovado por enormes evidências que existe nos seres humanos uma natureza feminina e masculina, também existe uma natureza tribal nômade.

TALVEZ NÃO SEJA UM EXAGEIRO DIZER que a libertação da mulher tenha sido a mais radical revolução por que passou a humanidade, e um marco que pode ter consequências mais profundas do que nós, que estamos vivenciando o fenômeno, podemos perceber. Embora esta revolução já tenha sido vislumbrada por vários pensadores, foi apenas nas últimas décadas que ela realmente se concretizou, fato que marca como nenhum outro a singularidade de nosso momento histórico e o ponto de inflexão que atingimos no início deste novo século.

Praticamente todas as culturas apresentam uma estrutura política de laços masculinos que controla o sistema reprodutivo, mas elas variam amplamente no grau de liberdade que é concedido às mulheres. É improvável, porém, que alguma sociedade conceda a elas um grau de liberdade tão alto a ponto de deixá-las livres para expressar sua sexualidade da forma que melhor lhes convém. Mas da mesma forma que, por motivos histórico-culturais, algumas sociedades se deslocaram para um tipo de estrutura social no qual as mulheres eram altamente controladas — o que resultou em ordens sociais que estavam longe do equilíbrio natural de nossa espécie —, outras se deslocaram acentuadamente em direção ao pólo oposto.

Pode-se perguntar por que, após milênios de vida civilizada, a libertação feminina apenas ocorreu nesses últimos 150 anos, e mais intensamente, nesses últimos 100, 50 ou 20. As famosas teorias sobre um passado matriarcal ou igualitário, perdido há 5 ou 10 mil anos, são pura especulação com pouquíssimas bases para se sustentar. Simplesmente não é possível saber como era a estrutura das sociedades do passado remoto. Mas o fato é que temos registro de sociedades em diversas partes do mundo que até recentemente (ou mesmo até os dias atuais) não passaram pelo

processo civilizatório, isto é, não domesticaram espécies e continuaram levando um modo de vida de caçadores e coletores nômades tribais. Não há nenhuma razão para acreditarmos que os seres humanos do passado remoto fossem substancialmente diferentes desses grupos, e em todos eles os homens são as autoridades finais e as mulheres são controladas.

Existe também o grupo irmão dos humanos, os chimpanzés, que também apresenta uma sociedade formada por laços masculinos na qual os machos são o sexo dominante. Embora os chimpanzés tenham seu próprio grupo irmão — os bonobos — no qual a sociedade é formada por laços femininos e não existe dominação masculina, pesquisas mostram que o chimpanzé é o padrão ancestral, enquanto os bonobos constituem uma linhagem derivada que evoluiu rapidamente em seu próprio caminho, se diferenciado do galho principal que levaria aos homínídeos. De fato, os chimpanzés estão mais próximos dos gorilas — também dominados por machos — que de seu grupo irmão.²

Tudo isso sugere que a dominação masculina é o padrão natural das sociedades humanas, e que sempre foi assim nesses 300 mil anos em que os humanos andaram sobre a Terra. Diante desta constatação a pergunta feita acima fica ainda mais intrigante. Por que, afinal, após todo esse tempo, apenas nesta fração de segundo de nossa espécie ocorreu este fenômeno singular, no qual os homens não mais têm controle sobre as mulheres? Tal pergunta, como já coloquei, levanta a singularidade radical do momento histórico em que vivemos.

Tal fenômeno é quase tão singular quanto o fato de, na França do fim do século 18, um rei ser guillotinado e o povo tomar o poder do estado, e nos dias atuais esta idéia ter se consolidado em praticamente todos os países desenvolvidos, com o governante sendo eleito pelo povo como seu representante, e não mais pertencendo a uma classe aristocrática diferenciada.³

Este segundo fenômeno ocorreu pelo fato de que o desenvolvimento econômico deu grande poder aos plebeus, permitindo-os suplantar a aristocracia pondo um fim ao antigo regime e instituindo um outro no qual todos seriam iguais. Por mais poder político que a aristocracia tivesse, ela precisava de recursos materiais, especialmente para financiar suas guerras, as quais ela adorava travar. O poder econômico, no entanto, estava nas mãos da plebe, que com a revolução industrial ficava cada vez mais forte.

Fenômeno semelhante ocorreu com a libertação feminina. O deslocamento da sociedade neste sentido, irei sustentar, é uma consequência inevitável do processo histórico e está diretamente relacionado ao desenvolvimento material. Embora nesses últimos dois séculos amplos esforços tenham sido feitos para conter esta tendência, podemos constatar que este movimento avança cada vez mais, o que mostra que estamos aqui tratando de forças poderosas e inexoráveis.

FALAR DE UMA DIREÇÃO NA HISTÓRIA nos dias atuais pode parecer estranho. Embora essa idéia tenha sido popular no passado, durante o século 20 ela foi refutada e esquecida. O relativismo a atacou considerando-a imperialista e eurocêntrica. Aceitar uma direção na história seria aceitar que algumas culturas (em especial a européia) seriam mais evoluídas que outras, o que ia contra os ideais do relativismo, que considerava todas as culturas iguais e se opunha a qualquer juízo comparativo entre elas.

É inegável, porém, que a economia, as tecnologias e a ciência avançam cada vez mais. Para haver um retrocesso seria necessário que a humanidade apagasse as inovações culturais de sua memória, o que é algo muito difícil ocorrer. Novas idéias podem ser adotadas pelos povos vizinhos, e desta forma rapidamente se espalham. Mesmo que possa ocorrer a destruição completa de uma civilização, o que poderia apagar o registro de suas realizações, suas idéias continuam a sobreviver nos povos vizinhos. Isto é quase uma regra universal. O motivo é que as novas invenções (ou pelo menos aquelas que são úteis) dão vantagem competitiva (bélica ou econômica) ao grupo que as usa. Desta forma, o grupo vizinho tem duas opções: ou ele adota a

nova idéia e fica mais forte a ponto de conseguir sobreviver à competição de seu adversário, ou sucumbe ante sua superioridade. Seja por difusão, seja por conquista, as novas idéias se espalham pelas regiões vizinhas. Desta forma, mesmo que as pessoas e civilizações morram, suas idéias saltam para outras pessoas e povos sempre permanecendo vivas. Como novas idéias estão sempre surgindo, ocorre um acúmulo cada vez maior delas que chamamos *progresso*.

Podem ocorrer momentos de retrocesso econômico em intervalos relativamente curtos de tempo, como a queda do Império Romano; porém em um âmbito geral podemos ver, nesses últimos milhares de anos, um progressivo crescimento da economia. Tal fenômeno é evidente se tomarmos a história do Ocidente a partir do ano 1000, quando as cidades e as redes de mercado voltam a florescer na Europa, em um movimento que culminou nos dias atuais com uma civilização global mais rica do que jamais antes houve na história. Ainda hoje, 40 anos depois, esta civilização utiliza como símbolo de seu progresso a pegada da bota de um homem na Lua, realização que humilha a Muralha da China ou a maior de todas as pirâmides do Império Egípcio — embora o mesmo poderia ser dito dos microprocessadores que rodam nos computadores domésticos ou do metrô de Nova York. Alguns dizem que devemos levar em conta a época em que estas estruturas foram feitas para apreciar sua grandiosidade; mas é justamente este o ponto. A Muralha da China ou as pirâmides do Egito só são impressionantes quando introduzimos em sua concepção a idéia de progresso.

O progresso material ocorre em grande parte devido à adoção de novas idéias, como tecnologias que aumentam a produtividade, e as tecnologias são desenvolvidas, especialmente nos últimos séculos, devido ao progresso da ciência, que cada vez mais compreende a maneira como a natureza funciona. Porém, mesmo excluindo os fatores científicos e tecnológicos, as próprias redes de mercado tendem a se desenvolver à medida que mais pessoas se integram a elas através do trabalho. Nos dias atuais a tendência esperada para a economia de um país é que ela cresça ano após ano, assim como o número de carros nas ruas e o consumo de bens de qualquer tipo. É, portanto, este tripé “material” ascendente, constituído pelo desenvolvimento científico, tecnológico e econômico, que impõe à história uma direção. Foi justamente este tripé que, nos últimos 150 anos, em mais intensamente nesses últimos 100, 50 ou 20, tomou impulso para decolar, se desenvolvendo vertiginosamente e de forma cada vez mais acelerada.

POR ESTAR COMPROMETIDA COM A REPRODUÇÃO, a mulher é naturalmente limitada em diversos aspectos físicos, o que prejudica sua performance no mundo. É de se esperar, portanto, que com o progresso econômico e tecnológico essas limitações tenham sido superadas ou minimizadas. Observando as sociedades tribais, os antropólogos constataram que em locais nos quais existe abundância de recursos, as mulheres tendem a ser mais livres que em ambientes inóspitos. De modo geral, portanto, quanto mais avançada materialmente for uma sociedade, mais livre será a mulher. Os anticoncepcionais são talvez o exemplo mais evidente de como as tecnologias podem libertar a mulher, mas muitos outros recursos do mundo desenvolvido poderiam ser citados. No fim do século 19 a bicicleta foi mais importante para a emancipação feminina que o movimento feminista, e nos dias de hoje existem tecnologias para reconstruir o hímen, realizar abortos seguros e por fim à menstruação.

Por outro lado, as tecnologias e a vida civilizada tiveram o efeito oposto sobre as habilidades masculinas, fazendo os homens tornarem-se dispensáveis. A preciosa carne, que sempre foi um dos trunfos do homem nas sociedades tribais, pode ser facilmente adquirida em supermercados e restaurantes; a força física tem pouca utilidade no ambiente urbano, e a agressividade fica obsoleta diante da proteção do estado ou de armas de fogo. Como colocou uma revista feminina: “Para que você pensa que precisa de homens? Bebês? Pense em inseminação artificial.” É a redução do homem a espermatozoides em um tubo de ensaio.

Devemos pensar, portanto, que a transição para as sociedades agrícolas — que produziu um ambiente protegido das forças da natureza com uma abundância de recursos nunca antes experimentada — pode ter propiciado uma maior tendência das mulheres para o comportamento independente. A nova situação poderia subverter a ordem sexual natural provocando um acentuado deslocamento do equilíbrio social em direção à emancipação feminina. É de se esperar também que quando o trabalho metódico e previsível da agricultura substituiu o heroísmo da caça, e a dócil convivência nos grandes grupos substituiu a vida política tribal, os impulsos masculinos tenham sido direcionados mais intensamente para o sexo, aumentando a importância da mulher na vida social.⁴

Na prática, no entanto, ocorreu o oposto. Os motivos que levaram à opressão da mulher nas sociedades agrícolas não são claros, mas podem estar relacionados a um fenômeno denominado *hipertrofia cultural*. Nos grupos de caçadores e coletores nômades certas ordens emergem de forma natural e espontânea. Com o surgimento dos grandes grupos, no entanto, tais mecanismos naturais de organização social foram subvertidos, passando a funcionar de forma anômala. Foi necessário, assim, desenvolver e impor uma rígida ordem política para administrar a sociedade, como também uma rígida ordem sexual. Desta forma, o estado e a religião foram criados. Uma das principais funções da religião era fornecer uma “correção moral” que permitisse que milhares de indivíduos convivessem sem com isso se matarem uns aos outros. Essa imposição artificial de uma ordem que deveria ser natural pode ter levado a sua exacerbação.

No que diz respeito às relações entre os sexos, numerosas referências na tradição judaico-cristã enfatizam a necessidade de se controlar a mulher. O mito de Lilith é um dos exemplos mais conhecidos. Lilith foi a primeira mulher de Adão, mas, por questionar a sua posição de ficar por baixo durante o ato sexual, Deus mandou-a para o inferno substituindo-a pela submissa Eva. (É curioso que, dado o seu destino, nos dias atuais Lilith seja celebrada como nossa primeira feminista. Pode se argumentar que esse deus era machista, mas, dentro da tradição judaico-cristã da qual Lilith faz parte, esse argumento não faz sentido.)

Outra forma de interpretar a forte dominação masculina presente nas sociedades agrícolas enfoca a interdependência social. Em uma tribo existe uma razoável independência dos indivíduos e famílias, isto é, a maior parte dos indivíduos sabe caçar, coletar, fabricar coisas e fazer política e guerra. Em sociedades agrícolas, no entanto, existe uma maior especialização, portanto, uma maior interdependência das pessoas e uma maior valorização da posição social que cada um ocupa. Tal situação, em conjunto com a formação do estado, pode ter levado a uma hipertrofia da hierarquia social, culminando com reis e imperadores em uma hierarquia que estava muito distante daquela expressada pelas sociedades em seu estado natural. Como uma das principais funções da política em uma tribo é dividir as mulheres entre os homens sem que eles tenham que se matar para isto,⁵ esta hipertrofia da política pode ter levado a uma hipertrofia da dominação masculina sobre as mulheres.

A situação descrita acima se refere às antigas civilizações agrícolas de economia tributária. A introdução da economia monetária, no entanto, subverteu as relações de poder. Neste novo sistema o indivíduo não mais precisava estar integrado à ordem social, com sua rígida hierarquia, para obter seus recursos e levar sua vida. O poder político, baseado na terra e nas ligações entre indivíduos, foi ameaçado por um poder fluido e descentralizado, que funcionava de forma autônoma e era indiferente à ordem social. Este novo sistema democratizou o poder colocando-o nas mãos de cada indivíduo, independente de sexo, raça ou posição social. “Com um punhado de moedas e tentando tirar partido de qualquer situação, o indivíduo faz seu aparecimento na história.”⁶ Este sistema, que surgiu na Lídia de 630 AC., se espalhou pela Grécia por volta de 550 AC. O sistema político que emergiu, adaptado à nova situação econômica, foi a democracia, na qual os indivíduos, e não mais a antiga ordem hierárquica de relacionamentos interpessoais, eram os agentes sociais e detentores do poder político.

Na Lídia de 600 AC., onde se iniciou a revolução monetária, o historiador grego Heródoto observou espantado que as mulheres lídias podiam escolher seus próprios maridos. Na juventude elas iam para casas de prostituição e acumulavam dinheiro, que era depois usado para pagar o dote do casamento. Embora no mundo grego as mulheres não dispusessem de nenhum direito político, não podendo sequer sair de casa sozinhas, no mundo romano, muito mais secular, elas eram cidadãs, desfrutando de mais direitos que em qualquer outra civilização. É um fenômeno notável que, à medida que a sociedade romana se desenvolveu, as mulheres se tornaram cada vez mais emancipadas.⁷

Com o colapso da civilização greco-romana e da economia monetária essa tendência se reverteu e a mulher voltou a ser controlada. Os europeus da era medieval invejavam as riquezas de Bizâncio — a parte do Império Romano que sobreviveu ao colapso —, porém criticavam esta avançada civilização argumentando que seus homens eram efeminados e suas mulheres usavam maquiagem. Mas os bravos bárbaros ocidentais não ficaram imunes às influências materiais por muito tempo, e com a prosperidade econômica que se deu a partir do ano mil o feminino começou a retornar.

Por volta do século 12, a idéia do amor romântico, na qual o amante declara devoção à sua amada, começou a se desenvolver, e durante a renascença o humanista Corélio Agrippa defendeu a superioridade do sexo feminino. Essa tendência se acelerou a partir do século das luzes, quando ocorreu a primeira onda de emancipação feminina da era moderna. No ambiente dos salões da época, “a mulher é soberana; ela dirige as conversas, apóia os filósofos, sua influência fazendo-se sentir até na área da política e da economia.”⁸ De acordo com o historiador André Bourde, “Seja em Versalhes ou nos jardins do Palais-Royal, nos salões ou nas butiques de moda, as mulheres não são apenas o ornamento do século, mas também sua ponta de lança.”⁹ Mas foram apenas com as turbulências políticas do fim do século 18 que as mulheres começaram a demonstrar mais claramente seus desejos de emancipação. No clima revolucionário da França de 1791, a moda feminina se masculinizou, as mulheres começaram a se organizar politicamente, e Olympe de Gouge escreveu a *Declaração dos direitos da mulher*. Isso, no entanto, foi radical até mesmo para os revolucionários franceses, e todas as associações femininas foram suprimidas, pois iam contra a ordem natural, na medida em que emancipavam as mulheres de sua identidade exclusivamente familiar e privada.¹⁰

Olympe de Gouge morreu na guilhotina e seus escritos não tiveram muita repercussão. O trabalho que serviu de inspiração para as novas gerações de feministas foi a *Vindicação dos Direitos da Mulher*, escrito na Inglaterra de 1792 por Mary Wollstonecraft, o que lhe valeu o título de “mãe do feminismo.” Ao longo do século seguinte ocorreu uma reação moral que ficou conhecida como Era Vitoriana, na qual houve um retrocesso nos avanços femininos do século anterior; mas o feminismo continuou a se desenvolver através de mulheres como Susan Anthony — que não ria, era masculinizada e contrária à criação de filhos —, como também de pensadores como John Stuart Mill, que em 1869 publicou a que viria ser a obra-chave da história do feminismo: *A Submissão da Mulher*. A partir de 1870, um ano após o clássico de Mill, uma série de leis passou a conceder cada vez mais direitos à mulher,¹¹ em um processo que culminaria com a conquista do voto feminino após a Primeira Guerra Mundial.

Com a chegada do século 20, celebridades que tinham uma vida social própria passaram a ser admiradas como um novo modelo a ser seguido. Alice Roosevelt, filha de um presidente americano, tinha uma intensa vida social, era rebelde, independente e inspirou uma geração de americanas com o nome “Alice.” O cinema também foi um poderoso veículo na construção desta nova mulher. Atrizes como Theda Bara, que fazia o gênero “mulher fatal”, e a debochada Mae West, fascinavam as platéias com sua independência. Passou a ser chique as mulheres das classes altas fumarem cigarro e frequentarem clubes noturnos.

Esses primeiros movimentos visavam conceder às mulheres direitos à propriedade, educação, guarda das crianças e voto, mas sem alterar a estrutura da sociedade. O mesmo não podemos dizer dos movimentos feministas da segunda metade do século 20, que questionaram os papéis de ambos os sexos promovendo uma das mais radicais transformações da vida cotidiana em toda a história. Com a pós-modernidade esses movimentos ganharam cada vez mais força até que finalmente derrotaram a tradição e passaram a fazer parte da ideologia dominante, sendo absorvidos pelas mídias, leis e por todo o sistema educacional.

PARA O SISTEMA ECONÔMICO, a entrada da mulher no mercado de trabalho era um passo lógico. Desde o início da Revolução Industrial se percebeu que era muito melhor empregar as dóceis mulheres nos novos postos de trabalho que os rudes homens do campo. As mulheres também estavam dispostas a “aceitar salários muitíssimos inferiores aos dos homens — uma tentação irresistível para empregadores (...), que os levava a abandonar os preconceitos em favor dos lucros.”¹² “Não foi o feminismo,” escreveu o historiador Peter Gay, “que guiou as mocinhas como um rebanho aos escalões mais baixos dos serviços de escritório e de vendas (...), foram a racionalidade e a complexidade da moderna economia capitalista.”¹³ Em seu *Manifesto Comunista*, de 1848, Marx e Engels observam que quanto mais “a indústria moderna se desenvolve, mais o trabalho dos homens é superado pelo das mulheres. Diferenças de idade e sexo não têm mais nenhuma validade social para a classe trabalhadora. Todos são instrumentos de trabalho, mais ou menos caros de se utilizar de acordo com a idade e sexo.”¹⁴

As atividades manufatureiras e administrativas que as mulheres exerciam no ambiente ancestral são mais compatíveis com os trabalhos necessários em um país desenvolvido que as atividades masculinas. As atividades tipicamente masculinas são a caça, a política e a guerra, e estas não têm nenhum valor no mundo moderno. Este fato ficou ainda mais evidente com a revolução pós-industrial, quando o setor de serviços superou a indústria pesada como a principal atividade econômica. As atividades de escritório estão muito mais próximas de uma administração doméstica que de uma expedição de guerra ou caça. Nos esportes, onde os homens estão próximos de suas atividades ancestrais, as mulheres só conseguem penetração através de uma forte segregação que as protege da competição masculina. (Mesmo em esportes em que a força física não é determinante, como no automobilismo e surfe, a superioridade masculina é clara. A única mulher que venceu uma corrida automobilística contra homens foi Jutta Kleinschmidt, que em janeiro de 2001 venceu o rali Paris-Dacar. A maior parte das pilotos, assim como das surfistas, compete apenas com mulheres.)

Seria muito simplista, no entanto, atribuir a libertação da mulher apenas ao progresso material. Como consequência deste ocorreu o declínio da ordem política. A substituição das relações morais por relações burocráticas e de mercado, e a imposição da igualdade política entre todos os indivíduos pelo estado moderno, destruíram a estrutura política da sociedade permitindo a libertação da mulher. Na verdade, tal fenômeno não se restringiu às mulheres; nunca etnias discriminadas, homossexuais, entre outros grupos que fogem aos padrões dominantes, tiveram tanto reconhecimento quanto nos dias atuais. Seu dinheiro e força de trabalho são iguais aos de qualquer outro.

É conveniente citar alguns outros fatores que contribuíram para a entrada da mulher no mundo público:

(1) No ambiente ancestral as mulheres tinham uma vida social própria, e mesmo durante a era agrícola as famílias permaneciam bastante unidas colocando mulheres e crianças em contato diário numa intensa vida social privada. Uma cidade moderna, no entanto, isola as mães em seus apartamentos privando-as deste tipo de socialização. Com a formação das grandes cidades esses relacionamentos foram prejudicados levando as mulheres a se sentir confinadas em seus lares.

(2) No ambiente ancestral as mulheres passavam grande parte de suas vidas grávidas ou cuidando de várias crianças, o que lhes ocupava o tempo não as permitindo se dedicar a outras atividades sociais. Com a tendência moderna de redução do número de filhos, e com o prolongamento da vida para muito tempo após a menopausa, as mulheres podem ter ficado sem coisas interessantes para fazer levando-as a entrar no mundo público.

(3) Também se percebeu que com a mulher trabalhando a renda do casal poderia aumentar. Esta possibilidade se tornou mais valiosa do que ter uma mulher dedicada ao lar fornecendo estabilidade e amparo à família. O valor da família se tornou secundário em relação ao dinheiro e à liberdade que ele proporciona, e muitas feministas chegaram mesmo a pregar ativamente o fim desta instituição. Desta forma, as mulheres se voltaram para o mercado de trabalho em uma busca por liberdade e realização.

(4) Tudo isso foi sustentado por um amplo suporte intelectual que questionou não só os papéis de ambos os sexos, como a própria natureza masculina e feminina. Antropólogas feministas como Margaret Mead, pensadores como Jean-Paul Sartre — que acreditava não existir uma natureza humana — e principalmente sua mulher, Simone de Beauvoir — que ficou famosa por dizer que não se nasce mulher, torna-se mulher —, foram importantes figuras na elaboração das fundações intelectuais deste movimento.

A libertação sexual

Entre os principais fenômenos sociais de nossa época está a abolição das restrições sexuais. É comum se dizer que a repressão sexual é característica apenas da Era Vitoriana, e que em épocas anteriores existia grande liberdade sexual. Isso, no entanto, está mais ligado a uma tentativa de justificar a sexualidade do mundo desenvolvido do que a um olhar honesto sobre história. Ao longo de toda a história sempre houve uma forte dicotomia entre esposas e prostitutas, e o sexo era livre apenas para as prostitutas (deve-se incluir aí as cortesãs). Essa dicotomia não se restringe a civilização ocidental, ocorrendo em praticamente todas as culturas. A moralidade cristã também sempre exerceu um papel importante controlando as atividades sexuais.

Por ser a mulher o fator limitante do sexo, a libertação feminina foi também a libertação sexual. Ao mesmo tempo em que o fim da vida política levou o homem a canalizar suas motivações para o sexo aumentando o poder social da mulher, a abolição da ordem que restringia o sexo e o desenvolvimento de sofisticados métodos anticoncepcionais permitiram à mulher usar o poder de seu corpo de forma plena na sociedade. Mesmo a sedução passou a ser uma poderosa ferramenta para se obter benefícios, pois as fronteiras entre o flerte e o sexo ficaram tênues e um sorriso passou a representar para os homens uma possibilidade real de acasalamento. Assim, a moda feminina se erotizou de forma jamais vista e os cosméticos se tornaram um importante mercado que explodiu ao longo do século 20. A esposa passou a ser vista como uma mulher reprimida que não consegue enfrentar o mundo e a mulher pública passou a ser o novo modelo que todas procuram seguir.

O desenvolvimento biológico das mulheres reflete essa tendência. Ao longo do último século ocorreu uma progressiva antecipação da puberdade nas meninas,¹⁵ fenômeno que pode estar diretamente ligado a uma mudança das estratégias sexuais. Meninas de 13 anos demonstram uma sexualidade desenvolvida e algumas chegam mesmo a entrar em atividade sexual. Estimuladas por inúmeros fatores ambientais, toda a constituição das meninas se prepara desde cedo para jogar em um mundo de sexo livre.¹⁶ O oncologista Umberto Veronesi observa que ao longo dos últimos anos, as mulheres vêm produzindo cada vez menos hormônios femininos,¹⁷ situação que as torna mais agressivas, inclusive sexualmente.

A libertação do sexo tem profundas raízes históricas que estão bem registradas na moda. Pode-se observar a partir do século 17 uma progressiva erotização da indumentária feminina¹⁸ à medida que pescoços, ombros e seios passaram a ser cada vez mais expostos. No clima de libertação que marcou o período entre a Revolução Francesa e 1810, nunca as mulheres haviam usado tão pouca roupa. Os espartilhos foram abolidos e passou-se a usar vestidos semelhantes a camisolas (inspirados na antiguidade clássica), que representavam uma ruptura radical com a moda tradicional. Eles eram extremamente finos, semitransparentes, e às vezes eram umedecidos de modo a se colar ao corpo e exibir os seios. O comentário de um jornalista da época: “Várias deidades apareceram em trajes tão leves, tão transparentes que despojam o desejo do único prazer que o alimenta: o prazer de adivinhar.”¹⁹

Um fenômeno notável do século 18 — o mais moderno dos séculos aristocráticos — foi o extraordinário sucesso da literatura libertina. De acordo com Jean Merie Goulemot, “a literatura pornográfica está em toda parte, não havendo lugar que lhe seja interdito. Circula na praça pública, nas oficinas, nos *boudoirs* e nos salões.”²⁰

O fim deste século também é o período que marca o surgimento da valsa, classificada por muitos como uma dança pecaminosa. O filósofo Samuel Taylor Coleridge, em 1798, queixava-se convincentemente: “[Nos salões] dançam uma dança muito infame chamada valsa. Juntam-se talvez cerca de 20 pares, o homem e a parceira se abraçam com os braços em volta da cintura, e os joelhos quase tocando, e então rodopiam e rodopiam... ao som de uma música lasciva.”²¹

Após a grande libertinagem que caracterizou o século das luzes, veio no século 19 a reação vitoriana, com as mulheres sendo cobertas do pescoço aos pés. Embora existissem mulheres sexualmente livres na vida boêmia das grandes cidades, mantendo relações promiscuas com artistas e intelectuais, elas estavam à margem da sociedade; o modelo ideal de mulher era aquela que ficava em casa tocando piano, lendo alguma coisa, ou simplesmente sem fazer nada. Mas com a chegada do século 20 o vetor sexual libertário começou a retornar. Enquanto a música da tradição européia entrava em convulsão afastando-se do público, uma nova música descontraída e espontânea — o jazz — surgia para embalar o novo século. Nas danças da época, as mulheres rodopiavam fazendo suas saias levantar expondo suas partes íntimas.

Nos anos vinte a ordem moral foi abalada pela *revolução sexual das elites*. Nas frenéticas festas das classes altas havia um grande clima de liberalismo moral. Em 1925, para escândalo de muitos, veio a revolução das saias curtas, o que despertou forte oposição dos conservadores. Nos Estados Unidos, alguns estados impuseram leis que proibiam “saias de comprimento inferior a 8 centímetros acima os tornozelos”, e outros tentaram “proibir qualquer ‘mulher acima de quatorze anos de idade’ de usar ‘uma saia que não chegue a parte do pé conhecida como arco.’ Foi tudo em vão.”²² A estranha moda andrógina das mulheres desta época (associada às melindrosas) é um sintoma das turbulências sexuais que estavam chegando.

Passou-se a pensar que as angústias das sociedades modernas eram decorrência da repressão sexual. No início do século 20, enquanto a vanguarda artística destruía a tradição em uma busca desesperada por expressão, pensadores como Havelock Ellis e, posteriormente, Wilhelm Reich, estimulavam a libertação das repressões sexuais.

Os grandes grupos urbanos também contribuíram para a libertação sexual, assim como para outras formas de permissividade moral. Embora o recato em si tenha bons motivos para existir, há uma especial preocupação da mulher em relação a sua *imagem* como recatada. Em uma cidade grande, onde se pode desaparecer em uma multidão anônima, todo o controle natural que a sociedade faz sobre o comportamento sexual feminino é subvertido. A cidade teve efeito semelhante sobre os homens. Com uma oferta sem fim de novas mulheres que fornecem sexo livremente, e sem a preocupação de ter que demonstrar uma imagem de *gentleman*, as tentações sexuais se tornam mais presentes.

Embora os movimentos de libertação sexual tenham inicialmente se restringido às elites, a partir da década de 1960 eles se popularizaram e iniciou-se uma busca de toda a sociedade por realização através do sexo. As novas gerações acreditaram poder construir uma sociedade na qual o sexo seria livre e os problemas do mundo seriam resolvidos. As mulheres, que em geral se realizam mais com o relacionamento que com o sexo, passaram a fazer sexo como homens por acreditarem ser esta a forma livre de se proceder. Surgiu uma obsessão feminina por orgasmos e as que não os tinha passaram a ser vistas como mulheres reprimidas. Silvia Campolim, que nos anos setenta freqüentou terapias reichianas para se desbloquear, observou que a grande preocupação era “gozar gostoso.”²³

Alguns dão à pílula anticoncepcional — que chegou ao mercado no início da década de 1960 — grande importância como peça-chave da revolução sexual, mas esta tecnologia deve ser vista apenas como um catalisador de um processo que já estava em andamento há séculos. A década de cinquenta, em especial, apresenta vários elementos que anteciparam a revolução sexual. No início da década, Alfred Kinsey publicou dois best-sellers que se tornaram divisores de águas no tratamento do sexo: *Sexual Behavior in the Human Male* (1950), e *Sexual Behavior in the Human Female* (1953). A revista *Playboy* surgiu na mesma época anunciando com glamour uma nova maneira de o homem lidar com o sexo. O *Rock n’ Roll* de Chuck Berry e Elvis Presley, que explodiu a partir de 1954, foi ainda mais longe que o jazz em termos de rebeldia, ousadia e insinuações sexuais. A boneca *Barbie* — inspirada em um brinquedo erótico para adultos, e o primeiro brinquedo infantil a apresentar formas de mulher madura — chegou ao mercado em 1959, e embora as mães da época tenham o reprovado, ele fez enorme sucesso entre as novas gerações. Em muitos países desenvolvidos um clima de liberdade sexual se configurava. O simples fato da pílula ter sido aprovada já aponta para uma mudança no tratamento de questões relacionadas ao sexo (no Japão a pílula foi proibida durante várias décadas).

Não devemos, no entanto, subestimar o papel dos anticoncepcionais neste processo (os preservativos de látex chegaram ao mercado na década de 1920, coincidindo com a primeira revolução sexual, e a pílula em 1960, coincidindo com a segunda). O sexo sempre esteve atrelado a coisas sérias, pois sua consequência — a geração de novos seres humanos — é a mais cósmica de todas. Ao ser separado de seu lado cósmico, o sexo ficou livre, mas seu sentido foi seriamente abalado. O grande perigo do uso das tecnologias é que nossas emoções foram feitas para funcionar em um mundo de caçadores e coletores nômades, portanto, nada sabem sobre elas e continuam agindo como se elas não existissem. As tecnologias, portanto, são espiritualmente subversivas, podendo ocasionar sérios curtos-circuitos emocionais. O anticoncepcional é um dos exemplos mais claros, pois está relacionado a algumas de nossas mais poderosas emoções. Embora os seres humanos façam sexo por motivos emocionais, e não reprodutivos, a subversão do sistema reprodutivo produziu um curto-circuito nas emoções que governam o comportamento sexual.

Este texto é uma adaptação de um capítulo do livro *Em busca de uma nova ordem: A crise social da modernidade e novas alternativas para o sistema atual*, disponível no site www.ponto-omega.com.

NOTAS E REFERÊNCIAS

1. Para uma exposição do novo paradigma da *natureza humana*, ver *Em busca de uma nova ordem: A crise social da modernidade e novas alternativas ao sistema atual*, capítulo 2. Para um tratamento das questões sexuais deste paradigma ver o capítulo 7.
2. Wrangham, R. e Peterson, D. (1996). *O Macho Demoníaco*. Rio de Janeiro: Objetiva, p. 250-1.
3. O fenômeno da tomada do poder pelo povo, isto é, o advento da modernidade e da democracia, não é tão singular quanto a libertação da mulher pelo fato de que, em uma tribo ancestral, um líder governa apenas com o

consentimento dos outros membros do grupo em um sistema político semelhante à democracia. Também, na civilização greco-romana, sistema semelhante já existiu.

4. As ligações entre a mulher e o sexo fogem a proposta deste ensaio. Para isto ver *Em busca de uma nova ordem: A crise social da modernidade e novas alternativas ao sistema atual*, capítulo 7, ou em meu *Ensaio para uma teoria político-sexual*, ambos disponíveis em www.ponto-omega.com. Aqui apenas observo que, pelo fato dos custos da reprodução serem mais elevados para a fêmea, ela é o fator limitante da reprodução. No mercado sexual, portanto, a moeda da fêmea vale mais que a do macho.

5. A ligação entre política e sexo foge a proposta deste ensaio. Para uma explicação deste fenômeno ver a mesma referência citada acima.

6. McEvedy, C. (1961). *Atlas da História Antiga*. São Paulo: Verbo, USP, p. 58.

7. Cross, S. (2002). *Feminae Romanae: The Women of Ancient Rome*. Web site. Ver as seções “Introduction” e “Imperial Women.”

8. Fontanel, B. (1998). *Sutiãs e Espartilhos: Uma História de Sedução*. Rio de Janeiro: Salamandra, p. 37.

9. Idem.

10. Perrot, M. (1992). *História da Vida Privada 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 24-6.

11. Gay, P. (1988). *A Educação dos Sentidos: A experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 132-3.

12. Idem, p. 135.

13. Idem.

14. Marx, K. e Engels, F. (1998). *The Communist Manifesto*. London and New York: Verso, p. 44.

15. Symons, D. (1979). *The Evolution of Human Sexuality*. New York: Oxford, p. 189. Ver também: “Early Puberty: Why Are Young Girls Developing So Fast?” *ABC News*, 07-02-2001.

16. A lógica evolutiva deste fenômeno foge a proposta deste ensaio. Para uma explicação ver as mesmas referências citadas em “1.” Observo, no entanto, que para uma menina que cresce em uma sociedade na qual o sexo é livre, não vale a pena se resguardar a espera de um parceiro para uma união de longo prazo, pois, dada a disponibilidade de sexo livre existente na sociedade, tal parceiro pode nunca aparecer. É melhor entrar em atividade sexual o mais rápido possível para obter favores sexuais de um grande número de homens.

17. “Cientista italiano diz que humanidade será bissexual.” *BBC Brasil.com*, 20-08-2007.

18. Ariès, P. e Chartier, R. (1991). *História da Vida Privada 3: Da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 232. Ver também Fontanel, B. (1998). *Sutiãs e Espartilhos: Uma História de Sedução*. Rio de Janeiro: Salamandra, p. 31-3.

19. Perrot, M. (1992). *História da Vida Privada 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 28.

20. Ariès, P. e Chartier, R. (1991). *História da Vida Privada 3: Da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 402.

21. Durant, W. e Durant, A. (1975). *A Era de Napoleão: Uma História da Civilização Européia de 1789 a 1815*. Rio de Janeiro: Record, p. 358.

22. Laver, J. (1996). *A Roupas e a Moda: Uma história Concisa*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 230-2.

23. Campolim, S. e Lima, L. O. (1998). *Enquanto as Mulheres Mandam os Homens Fazem o que Têm Vontade*. São Paulo: Globo, p. 106-7.

